PROBLEMATA
International Journal of Philosophy

*Problemata - Revista Internacional de Filosofia*
*v. 17. n. 3 (2026), p. 191-198 ISSN 2236-8612*
*doi:10.7443/problemata.v17i3.76475*

# PERSPECTIVA E CIRCUNSTÂNCIA EM GILBERTO FREYRE: POSSIBILIDADES E LIMITES DE UMA LEITURA A PARTIR DE ORTEGA Y GASSET

## PERSPECTIVE AND CIRCUMSTANCE IN GILBERTO FREYRE: POSSIBILITIES AND LIMITS OF A READING THROUGH ORTEGA Y GASSET

*Antonio Charles Santiago Almeida*[1]

**Resumo:**

Este artigo examina a possibilidade de interpretar a obra de Gilberto Freyre, especialmente Casa-Grande & Senzala, a partir dos conceitos de perspectiva e circunstância de José Ortega y Gasset. A investigação retoma uma questão abordada em publicação anterior e desloca o foco para os limites epistemológicos dessa aproximação, distinguindo influência intelectual documentada de uso hermenêutico de categorias filosóficas. A análise bibliográfica e interpretativa considera textos de Freyre, formulações de Ortega y Gasset e estudos sobre a recepção do pensamento hispânico na obra freyriana. Discute-se como experiência regional, memória e vida cotidiana participam da construção da narrativa sociológica de Freyre, sem assumir que esses elementos provem, por si mesmos, uma derivação direta da filosofia orteguiana. Argumenta-se que perspectiva e circunstância podem funcionar como operadores de leitura, desde que se examinem as escolhas narrativas, os silêncios e as assimetrias de poder que atravessam a interpretação freyriana da sociedade brasileira. A contribuição do artigo consiste em explicitar as condições, possibilidades e limites de uma aproximação hermenêutica entre filosofia e sociologia.

**Palavras-chave:** Gilberto Freyre; Ortega y Gasset; perspectiva; circunstância; hermenêutica

**Abstract**:

This article examines the possibility of interpreting Gilberto Freyre's work, especially Casa-Grande & Senzala, through José Ortega y Gasset's concepts of perspective and circumstance. Revisiting a question addressed in an earlier publication, it shifts the focus to the epistemological limits of this approach, distinguishing documented intellectual influence from the hermeneutic use of philosophical categories. The bibliographical and interpretive analysis considers Freyre's texts, Ortega y Gasset's formulations, and scholarship on the reception of Hispanic thought in Freyre's work. It discusses how regional experience, memory, and everyday life participate in the construction of Freyre's sociological narrative without assuming that these elements, by themselves, prove a direct derivation from Ortega's philosophy. The article argues that perspective and circumstance can function as interpretive operators, provided that narrative choices, silences, and power asymmetries shaping Freyre's interpretation of Brazilian society are also examined. Its contribution lies in clarifying the conditions, possibilities, and limits of a hermeneutic approach connecting philosophy and sociology

**Keywords**: Gilberto Freyre; Ortega y Gasset; Perspective; Circumstance; Hermeneutics

[1] Doutor em Educação, Doutor em Filosofia e Pós-Doutor em Sociologia. Professor Associado da Universidade Estadual do Paraná de Filosofia, Sociologia e Teoria Política e do Mestrado Profissional em Filosofia - PROF-FILO. Líder do Grupo de Pesquisa Poética do Sagrado. Lattes: http://lattes.cnpq.br/5446755649820726

## Introdução

A relação entre José Ortega y Gasset e Gilberto Freyre constitui um tema relevante para compreender a formação intelectual do sociólogo pernambucano e a construção de sua interpretação da sociedade brasileira. A presença de referências hispânicas na trajetória de Freyre foi discutida por estudos como os de Bastos (2003) e Crespo (2003), que identificam afinidades e indícios de recepção do pensamento espanhol. Entre os conceitos mobilizados nessa aproximação, perspectiva e circunstância ocupam lugar central, pois permitem interrogar a relação entre a posição do intérprete, sua experiência histórica e a realidade que procura compreender.

A questão, contudo, exige uma distinção metodológica. Demonstrar que Freyre conheceu ou valorizou Ortega y Gasset não equivale a provar que determinados procedimentos de Casa-Grande & Senzala derivam diretamente da filosofia orteguiana. É necessário separar a influência intelectual documentada, a afinidade entre formulações e a utilização retrospectiva de categorias filosóficas como instrumentos de leitura. Sem essa distinção, a aproximação corre o risco de converter semelhanças conceituais em uma relação causal que as evidências disponíveis não demonstram integralmente.[1]

O artigo parte dessa dificuldade e pergunta: em que condições os conceitos de perspectiva e circunstância ajudam a interpretar a construção narrativa de Gilberto Freyre, e quais são os limites dessa operação? Para responder, desenvolve-se uma análise bibliográfica e hermenêutica de textos de Ortega y Gasset e Freyre, em diálogo com estudos sobre a recepção do pensamento hispânico e sobre a metodologia freyriana. A análise concentra-se em três dimensões: a experiência regional, a memória e a vida cotidiana, e a escolha de fontes não convencionais. O objetivo não é reivindicar a descoberta da presença de Ortega em Freyre, mas explicitar o alcance interpretativo e os limites críticos dessa aproximação.

O procedimento adotado combina leitura conceitual e análise de passagens. Em primeiro lugar, os conceitos de perspectiva e circunstância são considerados em sua articulação, sem reduzi-los a sinônimos de ponto de vista e ambiente. Em seguida, examinam-se passagens em que Freyre reflete sobre sua própria escrita e sobre a relevância da experiência regional, da memória e de fontes do cotidiano. Por fim, a leitura é confrontada com uma questão crítica: a ampliação das fontes e a pluralidade narrativa implicam necessariamente uma representação mais equilibrada dos grupos sociais? A resposta exige observar não apenas o que a escrita torna visível, mas também as condições e os limites a partir dos quais representa a experiência histórica.[2]

[2] Este artigo integra reflexões desenvolvidas no âmbito da pesquisa de doutoramento, concluída em 2024, na qual foram examinadas relações entre a obra de Gilberto Freyre e os pensamentos de José Ortega y Gasset e Friedrich Nietzsche. Uma abordagem anterior da relação entre Freyre e Ortega foi publicada em Almeida e Santiago (2017). O presente texto retoma parte desse percurso, mas delimita um problema específico: examinar as possibilidades e os limites hermenêuticos das categorias de perspectiva e circunstância, sem tomar sua produtividade interpretativa como prova suficiente de influência intelectual direta.

## Procedimento de leitura e estatuto da comparação

A análise tem caráter bibliográfico e hermenêutico. Seu corpus é delimitado por textos de Ortega y Gasset que formulam as noções de perspectiva e circunstância, por passagens de Freyre em que a própria escrita é tematizada e por estudos críticos que discutem a presença do pensamento hispânico em sua formação intelectual. A seleção não pretende esgotar a obra dos dois autores nem oferecer uma história completa da recepção de Ortega no Brasil. Trata-se de uma leitura focal, orientada por um problema: esclarecer o que esses conceitos permitem perceber na narrativa freyriana e em que ponto a interpretação deixa de poder sustentar conclusões sobre influência histórica direta.

Essa delimitação afeta o tipo de conclusão que se pode alcançar. Uma análise conceitual pode demonstrar que determinada categoria ilumina aspectos de uma obra, mas não comprova, sem documentação adicional, que o autor analisado tenha empregado essa categoria conscientemente ou dela derivado seu procedimento. A demonstração de influência exige evidências de leitura, circulação e apropriação — por exemplo, referências explícitas, correspondências, registros de leitura ou documentos que permitam reconstituir um percurso intelectual. Na ausência de um levantamento sistemático desses materiais, a presente análise evita tratar a compatibilidade interpretativa como prova de causalidade.

O critério de leitura é, assim, duplo. De um lado, pergunta-se se perspectiva e circunstância oferecem instrumentos para descrever aspectos específicos da escrita de Freyre, como a valorização da experiência regional, da memória e de materiais cotidianos. De outro, examina-se se a interpretação permanece atenta à historicidade desses materiais, às escolhas do narrador e às desigualdades entre os sujeitos representados. O segundo critério impede que a aproximação filosófica se converta em confirmação automática da obra analisada: os conceitos devem produzir perguntas críticas, não apenas reiterar a autodescrição de Freyre ou validar antecipadamente seu método.

## Perspectiva, circunstância e o problema da influência

Em Meditações do Quixote, Ortega y Gasset formula a conhecida relação entre o sujeito e sua circunstância: “eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo a ela não me salvo a mim” (Ortega y Gasset, 1967, p. 52). A circunstância não deve ser reduzida ao ambiente físico ou a um conjunto de fatores que determinariam mecanicamente a vida individual. Ela designa o mundo concreto no qual a vida se realiza, com suas condições históricas, culturais e materiais, mas também com as possibilidades de ação e interpretação que se abrem ao sujeito. O conceito indica, portanto, uma relação: a vida não se constitui fora do mundo, mas tampouco se deixa explicar como efeito automático de um contexto.

A perspectiva, por sua vez, indica que a realidade é apreendida a partir de uma posição situada. Isso não significa que todas as interpretações sejam equivalentes ou que o sujeito possa produzir livremente qualquer sentido. A perspectiva é condicionada pela circunstância e, ao mesmo tempo, constitui uma via de acesso a aspectos da realidade que não se oferecem a partir de um ponto de vista absoluto. Em conjunto, os dois conceitos permitem pensar a interpretação como atividade situada, sem reduzi-la nem a uma reprodução passiva do mundo nem a uma construção inteiramente arbitrária.

Essa articulação é importante para evitar duas leituras simplificadoras. A primeira transforma a circunstância em determinismo: o indivíduo seria apenas resultado de seu meio. A segunda converte a perspectiva em relativismo irrestrito: cada ponto de vista valeria independentemente de sua relação com a realidade. A formulação orteguiana, ao contrário, exige considerar que a posição do intérprete é concreta e parcial, mas que a interpretação continua orientada por algo que a excede. A circunstância apresenta limites e possibilidades; a perspectiva é o modo situado pelo qual o sujeito procura compreender essa realidade.

A aproximação entre essas categorias e a obra de Freyre encontra respaldo em estudos sobre sua formação intelectual e suas relações com o universo cultural hispânico. Bastos (2003) examina a presença de autores espanhóis na trajetória do sociólogo, enquanto Crespo (2003) identifica traços orteguianos em sua produção. O próprio Freyre menciona Ortega em diferentes momentos de sua obra e reconhece a importância do perspectivismo para a leitura de Casa-Grande & Senzala (Freyre, 1968). Esses elementos sustentam a relevância histórica da questão, mas não autorizam atribuir automaticamente cada escolha metodológica de Freyre a uma influência específica.

É nesse ponto que a distinção entre recepção e interpretação se torna decisiva. A recepção intelectual diz respeito a trajetórias de leitura, contatos, referências e apropriações que precisam ser documentadas. Já a interpretação hermenêutica pode mobilizar conceitos de Ortega para iluminar aspectos da escrita freyriana, mesmo quando não se consegue estabelecer uma relação causal direta entre um conceito e um procedimento textual. A segunda operação pode ser fecunda, desde que seja apresentada como hipótese interpretativa, e não como prova histórica de influência.

A formulação de Freyre sobre o "múltiplo e por vezes simultâneo perspectivismo" de Casa-Grande & Senzala (Freyre, 1968, p. 118) constitui um ponto de contato relevante. Ela permite perguntar como a pluralidade de posições e experiências participa da narrativa do Brasil. Entretanto, a coincidência vocabular não encerra a investigação: é preciso observar o uso que Freyre faz da categoria, a relação entre essa autodescrição e as operações concretas de sua escrita, bem como os limites de sua representação das relações sociais. O vocabulário comum abre um problema de leitura, mas não substitui a análise dos textos. Essa formulação já foi examinada em Almeida e Santiago (2017); aqui, ela é retomada não como prova conclusiva de influência, mas como ponto de partida para interrogar os limites da interpretação hermenêutica.

## Circunstância, experiência regional e memória

A obra Nordeste apresenta a região não apenas como espaço geográfico, mas como realidade histórica e cultural que participa da interpretação do Brasil. Freyre contesta a redução do Nordeste à seca e à carência, destacando a presença da água, dos rios, dos riachos e das lagoas na composição da paisagem (Freyre, 1961, p. 5). Essa descrição expressa uma perspectiva particular sobre a região e evidencia como a experiência situada pode orientar a seleção de problemas e a construção de uma narrativa histórica. A aproximação entre a leitura orteguiana e a representação freyriana do Nordeste já foi explorada por Almeida e Santiago (2017); o foco desta análise, porém, recai sobre a seleção narrativa da paisagem e os limites da categoria de circunstância como instrumento hermenêutico.

A categoria orteguiana de circunstância permite interrogar essa relação entre experiência regional e interpretação. O Recife e o Nordeste de Freyre não são somente um cenário externo: constituem referências a partir das quais o autor organiza perguntas sobre a formação social brasileira. Contudo, não se deve identificar sem mediações a circunstância filosófica de Ortega com a experiência regional de Freyre. A primeira pertence a uma elaboração filosófica específica; a segunda envolve uma construção sociológica, histórica e literária que precisa ser analisada em sua singularidade. O conceito funciona, portanto, como instrumento de questionamento, não como explicação automática da obra.

A descrição da paisagem regional não é neutra. Ao selecionar a água como elemento que transforma a geografia e rompe com a imagem exclusiva da seca, Freyre constrói uma contraposição a uma representação já consolidada do Nordeste. Essa operação mostra que a perspectiva não consiste apenas em observar um objeto previamente dado: ela também organiza os traços que se tornam relevantes e os enquadramentos pelos quais o objeto é apresentado. A paisagem passa a ser, simultaneamente, realidade material e elemento de uma narrativa sobre a região.

A leitura orteguiana permite formular a pergunta sobre a posição a partir da qual essa paisagem é descrita, mas não pode resolver sozinha a questão histórica. É necessário investigar quais experiências regionais são tomadas como representativas, que diferenças internas são atenuadas e como a imagem de um Nordeste culturalmente singular se relaciona com processos econômicos e relações sociais concretas. A circunstância não é apenas aquilo que o autor vivencia; é também o campo histórico que sua narrativa seleciona, organiza e interpreta.

A memória e a vida privada também ocupam lugar significativo na narrativa freyriana. Em Como e por que sou e não sou sociólogo, Freyre relaciona sua escolha profissional a uma lembrança de infância e à saudade da casa, dos pais e de seu mundo de origem (Freyre, 1968). Em Casa-Grande & Senzala (Freyre, 2006), as experiências domésticas, os hábitos alimentares, as relações familiares e as lembranças da infância participam da interpretação da sociedade brasileira. A intimidade deixa de ser um detalhe privado e passa a integrar o material a partir do qual se escreve uma história social.

Essa valorização da experiência cotidiana pode ser lida à luz da circunstância, pois evidencia que a interpretação da sociedade se realiza a partir de experiências concretas e de uma posição situada. A leitura, porém, deve evitar uma inferência circular: a memória de Freyre não comprova, por si só, a aplicação consciente do conceito orteguiano; tampouco a presença de experiências pessoais demonstra que sua narrativa represente de maneira abrangente todos os grupos sociais envolvidos. O interesse analítico está em perguntar como a experiência vivida orienta a construção do objeto, quais materiais são selecionados e quais vozes permanecem ausentes.

A memória, além disso, é uma forma de elaboração do passado. Ela não corresponde a um arquivo transparente da experiência, pois seleciona, organiza e atribui sentido aos acontecimentos a partir do presente da narração. Quando Freyre mobiliza lembranças pessoais para explicar sua vocação sociológica, a experiência biográfica se transforma em narrativa sobre a origem de um projeto intelectual. Essa narrativa pode iluminar a relação entre vida e conhecimento, mas deve ser lida como autointerpretação, e não como prova suficiente de uma causalidade linear entre infância, saudade e método sociológico.

A circunstância, assim entendida, não deve servir para naturalizar as escolhas de Freyre, mas para torná-las objeto de análise. A posição social e regional do intérprete participa da produção de conhecimento, sem esgotar sua explicação. O exame da memória e da intimidade precisa considerar simultaneamente a força interpretativa desses materiais e os limites decorrentes de sua seleção, de sua organização narrativa e das condições históricas em que foram produzidos.

## Perspectiva, fontes e limites da interpretação freyriana

A pluralidade das fontes mobilizadas por Freyre é um dos aspectos mais discutidos de seu procedimento de investigação. Registros da vida doméstica, receitas, cartas, diários, relatos de viajantes e reminiscências familiares ampliam o repertório documental da história social. Reis (2014) observa a renovação das fontes e o interesse pelo cotidiano na interpretação freyriana; Skidmore (2003) também chama atenção para o caráter não convencional de sua metodologia. A escolha desses materiais permite examinar dimensões da vida social que não aparecem com a mesma nitidez em narrativas concentradas exclusivamente em instituições políticas ou acontecimentos públicos.

A noção de perspectiva ajuda a perguntar a partir de qual lugar essa pluralidade se torna relevante; a de circunstância, por sua vez, permite examinar as condições históricas e sociais que orientam a seleção e a interpretação das fontes. Nessa leitura, os conceitos de Ortega não substituem a análise histórica de Freyre, mas oferecem uma linguagem filosófica para formular o problema da relação entre experiência, ponto de vista e conhecimento social. O interesse dessa aproximação está menos em atribuir uma etiqueta filosófica ao método do sociólogo do que em tornar explícita a pergunta epistemológica que o atravessa: de onde se conhece, a partir de quais materiais e sob quais condições?

Essa operação requer cautela em dois sentidos. Primeiro, a presença de fontes heterodoxas não demonstra, por si só, que o método de Freyre deriva da filosofia orteguiana. Para estabelecer essa derivação, seria necessário examinar com maior precisão as trajetórias de leitura, os documentos de recepção e os contextos de apropriação. Segundo, a ampliação do repertório documental não garante uma representação social isenta de hierarquias ou silêncios. A atenção à vida privada pode revelar práticas e experiências antes negligenciadas, mas também pode reproduzir a perspectiva de grupos dominantes quando os sujeitos escravizados, indígenas, mulheres e outros grupos aparecem mediados pelo olhar do intérprete.

A pluralidade de fontes deve, portanto, ser distinguida da pluralidade efetiva de vozes. Um documento pode ampliar o conhecimento sobre determinada prática sem conceder ao sujeito nele representado a possibilidade de falar em primeira pessoa. Cartas, diários, relatos de viajantes e reminiscências familiares têm condições de produção distintas, e cada tipo de fonte requer perguntas próprias sobre autoria, finalidade, circulação e silenciamento. A contribuição metodológica de Freyre não dispensa essa crítica documental; ao contrário, torna-a ainda mais necessária, porque o alargamento do arquivo exige avaliar como materiais heterogêneos são convertidos em evidência sociológica.

Por isso, a leitura de Freyre precisa considerar tanto a força de sua inovação metodológica quanto as assimetrias presentes em sua interpretação da sociedade brasileira. As críticas à representação da escravidão e às imagens de harmonia entre senhores e escravizados, presentes em debates sobre sua obra, impedem que

a pluralidade de perspectivas seja tomada como sinônimo de igualdade entre as vozes representadas. A perspectiva é sempre situada, mas as posições sociais a partir das quais se fala não dispõem necessariamente do mesmo poder de registrar, nomear e legitimar a experiência. Esse problema aparece em debates críticos sobre a interpretação freyriana da escravidão e das relações raciais (Araújo, 1994).

A crítica não exige descartar a obra de Freyre nem reduzir sua contribuição a uma única chave explicativa. Exige, antes, sustentar uma leitura capaz de reconhecer simultaneamente a inovação na escolha dos materiais e os limites das formas pelas quais esses materiais são interpretados. A valorização da vida doméstica pode ampliar a história social; porém, a forma de narrar essa vida pode conservar hierarquias, idealizar relações ou atenuar conflitos. O trabalho hermenêutico não deve decidir antecipadamente entre elogio e condenação, mas examinar como a construção narrativa produz inteligibilidade e quais aspectos da experiência histórica deixa em segundo plano.

O ganho da aproximação com Ortega reside, então, menos em demonstrar que Freyre simplesmente aplicou um método filosófico do que em tornar visível a questão epistemológica implicada em sua escrita: como a experiência do intérprete se converte em recurso de conhecimento e quais limites decorrem dessa conversão? A pergunta permite reconhecer a relevância do cotidiano e da memória sem suspender a avaliação crítica das escolhas narrativas, dos contextos históricos e das relações de poder que estruturam a interpretação.

## Conclusão

Este artigo examinou a possibilidade de interpretar a obra de Gilberto Freyre, especialmente Casa-Grande & Senzala, a partir dos conceitos de perspectiva e circunstância de José Ortega y Gasset. A discussão retomou a relevância das relações intelectuais entre os autores, mas procurou distinguir a influência historicamente documentada da utilização hermenêutica de categorias filosóficas para compreender uma obra. Essa distinção é necessária para que a aproximação não transforme afinidades conceituais em uma causalidade que as evidências, por si sós, não estabelecem.

A experiência regional, a memória e a valorização da vida cotidiana mostram como a posição do intérprete participa da construção da narrativa freyriana. Perspectiva e circunstância ajudam a formular perguntas sobre a relação entre experiência e conhecimento, assim como sobre a escolha de fontes e a organização dos materiais históricos. Entretanto, tais conceitos não substituem a investigação dos contextos de produção nem dispensam a análise crítica das vozes privilegiadas e dos silêncios que atravessam a obra.

A contribuição específica desta leitura consiste em explicitar as condições e os limites do uso das categorias orteguianas para interpretar Freyre. A pluralidade de fontes e a atenção à intimidade representam uma ampliação relevante do campo da história social, mas não garantem, por si mesmas, uma representação equilibrada da sociedade brasileira. A análise precisa considerar as assimetrias de poder que estruturam a experiência histórica e sua representação narrativa. Assim, a perspectiva pode ser compreendida como condição de acesso à realidade e, ao mesmo tempo, como elemento que exige crítica: toda interpretação torna alguns aspectos visíveis, mas também se organiza por escolhas e exclusões.

O aprofundamento dessa discussão requer ampliar o corpus documental e examinar correspondências, diários, registros de leitura e outros materiais que

permitam reconstruir com maior precisão os processos de recepção e apropriação intelectual. Esses caminhos podem contribuir para diferenciar as influências efetivamente documentadas das aproximações construídas pela interpretação filosófica e, assim, delimitar com maior rigor o alcance da leitura orteguiana de Gilberto Freyre.

## Referências

ALMEIDA, Antonio Charles Santiago; SANTIAGO, Valkiria de Novais. Perspectivismo e circunstancialismo na obra de Gilberto Freyre: a presença de Ortega y Gasset em Casa-Grande & Senzala. Especiaria: Cadernos de Ciências Humanas, v. 16, n. 28, p. 321-335, 2017. Disponível em: https://periodicos.uesc.br/index.php/especiaria/article/view/1506. Acesso em: 28 out. 2026.

ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

BASTOS, Elide Rugai. **Gilberto Freyre e o pensamento hispânico**. Bauru: EDUSC, 2003.

CRESPO, Regina Aída. Gilberto Freyre e suas relações com o universo cultural hispânico. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon; LÉPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda Arêas (org.). **Gilberto Freyre em quatro tempos.** São Paulo: EDUSC, 2003. p. 181-204.

FREYRE, Gilberto. **Como e por que sou e não sou sociólogo**. Brasília: Universidade de Brasília, 1968.

FREYRE, Gilberto. **Nordeste**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1961.

FREYRE, Gilberto. **Casa-Grande & Senzala.** São Paulo: Global, 2006.

ORTEGA Y GASSET, José. **Meditações do Quixote.** São Paulo: Livro Ibero-Americano, 1967.

REIS, José Carlos. **As identidades do Brasil:** de Varnhagem a FHC. Rio de Janeiro: FGV, 2014.

SKIDMORE, Thomas E. Raízes de Gilberto Freyre. In: KOSMINSKY, Ethel Volfzon; LÉPINE, Claude; PEIXOTO, Fernanda Arêas (org.). **Gilberto Freyre em quatro tempos**. São Paulo: EDUSC, 2003. p. 41-64.

Recebido em: 09/2025
Aprovado em: 05/2026